

VOZES MASCULINAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: um sonho possível

SILVA, Alex Amaral da¹

Resumo:

O presente artigo visa refletir sobre a importância da diversidade de gênero dentro das escolas de Educação Infantil, buscando aprofundar e esclarecer sobre os estudos de gênero na pré-escola através da perspectiva freiriana. Cabe enfatizar que discutir a diversidade de gênero dentro do espaço educativo das escolas pré-escolares com crianças pequenas é de extrema relevância, pois o único ofício que não é analisado como errado ou problemático é o ofício central, ou seja, que considera o trabalho da figura feminina como uma forma considerada normal de gênero para exercer a função da docência dentro da sala de aula da pré-escola. É importante ressaltar que o artigo tem como objetivo também fomentar e alimentar as esperanças e utopias de todos aqueles educadores que lutam contra o preconceito e sexismo que vivenciamos atualmente na área da Educação Infantil perante a figura masculina.

Palavras-chave: Educação Infantil. Figura Masculina. Gênero.

Paulo Freire e a diversidade de gênero dentro das escolas de Educação Infantil

Atualmente com a atuação da presença da figura masculina na sala de aula da Educação Infantil, é possível dizer que essa área da educação se transforma numa influência pedagógica mais qualificada, pois cessamos com essa construção social que professores homens e mulheres que atuam no ensino infantil desempenham mais uma função de tio/tia do que o ato de lecionar propriamente dito.

Segundo as ideias de Paulo Freire do livro “Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar”, o autor nos instiga a pensar que ser professor e a questão de lecionar e ensinar são um ato que envolve certa tarefa. Enquanto ser tia/tio é viver apenas uma relação familiar. Segundo Freire (1993, p.11):

Ensinar é profissão que envolve certa tarefa, certa militância, certa especificidade no seu cumprimento enquanto ser tia é viver uma relação de parentesco. Ser professora implica assumir uma profissão enquanto não se é tia por profissão.

¹ Licenciado em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUCRS. email: alexamaral93@hotmail.com

É possível afirmar que a presença do professor homem no ensino pré-escolar junto com a força da visão docente da mulher desmistifica a tentativa de comparação à condição de tia/tio que é vista de acordo com as ideias de Freire, como uma maneira de adocicar a prática pedagógica docente. Paulo Freire ainda afirma que não é possível exercer a docência sem lutar por seus direitos para que seus deveres possam ser mais bem cumpridos. Nessa perspectiva, acredita-se que quando se tem um grupo de professores, compostos por homens e mulheres dentro da escola infantil esta luta por direitos se torna mais eficiente.

É relevante citar que na quarta carta da referida obra, das qualidades indispensáveis ao melhor desempenho de professoras e professores progressistas, Freire cita justamente as qualidades indispensáveis ao melhor desempenho dos educadores, ou seja, qualidades e atributos que não podem faltar na nossa prática docente. Algumas qualidades que almejamos adquirimos com a vivência em sala de aula, ou seja, não nascemos com ela.

Uma das qualidades trabalhadas por Freire no livro “Professora sim, tia não” é a humildade. Quando nos deparamos com uma escola de Educação Infantil que se mostra resistente na aceitação da figura masculina é necessário que esse educador seja humilde, transformando essa qualidade na respectiva coragem, mostrando e evidenciando uma confiança no seu trabalho e respeito a si mesmo e ao próximo para conquistar uma dignidade e conseguir desenvolver um bom trabalho pedagógico para o combate da resistência da aceitação dentro da escola.

Segundo Paulo Freire (2000, p. 55): “Começarei pela humildade que, de modo algum, significa falta de acato, a nós mesmo, acomodação, covardia. Pelo contrário, a humildade exige coragem, confiança, em nós mesmos, respeito a nós mesmo e aos outros”.

Por isso, segundo Freire (op. cit.) através da humildade nós, professores e professoras, sabemos lidar e reconhecer em nós mesmo que ninguém sabe tudo ou ignora tudo, sempre sabemos ou ignoramos algo. Nesse sentido, precisamos combater esse preconceito em relação à aceitação da figura masculina com muita sabedoria e humildade.

Outra qualidade que Paulo Freire descreve nesta obra é a tolerância. Muitas vezes o homem dentro da escola de Educação Infantil é considerado tolerável pelas demais professoras. Tolerar a figura masculina na pré-escola é uma virtude, pois só demonstra a capacidade que as professoras têm em aceitar esse corpo estranho no meio educacional.

Segundo Freire (1993, p. 59):

Num primeiro momento, falar em Tolerância é quase como se estivéssemos falando em favor. É como se ser tolerante fosse uma forma cortês, delicada, de aceitar, de tolerar a presença não muito desejada de meu contrário. Uma maneira civilizada de consentir numa convivência que de fato me repugna. Isso é hipocrisia, não tolerância. Hipocrisia é defeito, é desvalor. Tolerância é

virtude. Por isso mesmo, se a vivo, devo vivê-la como algo que assumo. Como algo que me faz coerente: primeiro, com o ser histórico, inconcluso que estou sendo; segundo, com minha opção político-democrática. Não vejo como passamos ser democráticos sem experimentar, como princípio fundamental, a tolerância, a convivência com o diferente.

Para ser uma pessoa tolerante com a figura masculina na Educação Infantil precisamos respeitar esse corpo estranho e ter ética em nossas atitudes e palavras quando nos dirigimos a estes professores homens. Se ainda algumas professoras demonstram preconceito em relação à questão de gênero na atuação docente em sala de aula jamais elas poderão ser tolerante. Primeiramente é necessário vencer as barreiras do preconceito para depois se pensar em aceitar esse corpo estranho no meio educacional. Segundo Paulo Freire (1993, p. 59):

A tolerância requer respeito, disciplina, ética. O autoritário, empapado de preconceitos de sexo, de raça, jamais pode ser tolerante se não vencer antes seus preconceitos. É por isso que o discurso progressista do preconceituoso, em contraste com sua prática, é um discurso falso.

É importante salientar que se criou este paradigma que os profissionais da educação que atuam na Educação Infantil são mais tias/tios do que professores, porque sabemos que as atuais condições das instituições pré-escolares são precárias. Os professores são mal pagos, desprestigiados e muitas vezes desrespeitados. É também por essas razões que alguns professores homens se desanimam para entrar nessa área da educação.

É preciso ousadia e persistência para o ato de lecionar, é preciso compreender que a escolha da profissão vai muito além do recebimento de um salário ao final do mês. Lecionamos para transformar a realidade social de uma comunidade ou de um grupo escolar. De acordo com Freire (1993, p. 10):

É preciso ousar para ficar ou permanecer ensinando por longo tempo nas condições que conhecemos, mal pagos, desrespeitados e resistindo ao risco de cair vencidos pelo cinismo. É preciso ousar, aprender a ousar, para dizer não à burocratização da mente a que nos expomos diariamente. É preciso ousar para continuar quando às vezes se pode deixar de fazê-lo, com vantagens materiais.

Mulheres e homens precisam saber do seu papel social dentro das instituições de Educação Infantil, se já sabemos que nessa modalidade de ensino nosso trabalho não é reconhecido e paga os professores com salários baixos. Precisamos mostrar para a sociedade que a nossa prática pedagógica tem sua importância para o desenvolvimento não só da educação como também para o desenvolvimento de um mundo melhor.

Para isso, precisamos ter a consciência da importância do ato de lecionar nos dias de hoje para crianças de zero a seis anos. Se ficarmos aliados dentro das escolas, não vamos conseguir progredir em relação a nossos direitos. Precisamos da força docente masculina também nessa luta por melhorias de trabalho.

Segundo Paulo Freire (1993, p. 48):

Tenho certeza de que um dos saberes indispensáveis à luta das professoras e professores é o saber que devem forjar neles, que devemos forjar em nós próprios, da dignidade e da importância de nossa tarefa. Sem esta convicção, entramos quase vencidos na luta por nosso salário e contra o desrespeito.

Quando realmente professores e professoras se unirem de fato em prol da educação, deixando seus preconceitos e ideias equivocadas em relação à atuação da figura masculina na docência da Educação Infantil, será plenamente possível lutar por salários mais dignos e por formação qualificada para estes docentes.

É importante salientar, que a educação não é única forma de transformação social, mas se tivermos pessoas com diferentes visões de mundo, como professores homens e mulheres, sem nenhum tipo de preconceito e diferença de gênero, sexo e sexualidade na educação, contribuirão de uma forma tão diferenciada para essa transformação social acontecer e se efetivar. Segundo Freire (1993, p. 53) “é bem verdade que a educação não é a alavanca da transformação social, mas sem ela essa transformação não se dá”.

Com o passar dos anos a presença da figura masculina dentro da sala de aula da Educação Infantil está sendo considerada uma forma benéfica e natural para o atual meio educacional. Precisamos compreender que o aumento de professores homens lecionando para crianças da pré-escola se deve a atitude e a coragem desses profissionais da educação em lutar pela superação de preconceitos existente por parte de algumas instituições escolares.

Apesar da repulsa de algumas instituições de Educação Infantil, a figura masculina aos poucos está sendo respeitada e conseguindo atuar pedagogicamente no âmbito pré-escolar, trazendo para os educandos um novo olhar de diversidade no ambiente escolar em relação aos projetos pedagógicos desenvolvidos dentro da sala de aula e na escola. Precisamos da figura masculina e feminina, para ensinarmos e educarmos nossos alunos.

Hoje em dia, felizmente, encontramos bastante educadores homens que acreditam e são comprometidos na busca em fazer da escola um espaço que respeite qualquer diferença de gênero, raça, sexo ou etnia, o que nos leva acreditar, ter esperança e o sonho de que um dia vamos ver a figura masculina ser inserida na área da Educação Infantil sem nenhum tipo de estranhamento ou preconceito.

Segundo Freire (1992, p. 91-92):

Sonhar não é apenas um ato político necessário, mas também uma conotação da forma histórico-social de estar sendo de mulheres e homens. Faz parte da natureza humana que, dentro da história, se acha em permanente processo de torna-se [...] Não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança [...] A compreensão da história como possibilidade e não determinismo [...] seria ininteligível sem o sonho, assim como a concepção determinista se sente incompatível com ele e, por isso, o nega.

Acreditar na transformação da sociedade e da educação é necessário para combater esse preconceito e discriminação que ainda existe por parte de uma minoria em relação ao professor homem no ensino pré-escolar. Lutar em busca do reconhecimento é lutar em busca de um sonho possível, através de uma consciência de uma educação libertadora, pautada numa postura coerente em nosso discurso pedagógico.

Ainda segundo Freire (2000, p.33):

Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou o projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar da minha utopia, mas para participar de práticas com ela coerente.

Essa utopia em relação ao reconhecimento da figura masculina na Educação Infantil não remete em hipótese alguma a sonhos impossíveis, e sim em vontade de lutar em prol dos sonhos possíveis em busca de uma escola primária mais justa e igualitária através de práticas pedagógicas coerentes com o discurso.

Paulo Freire, em sua obra “Pedagogia dos Sonhos Possíveis”, nos faz refletir que mudar é difícil, mas é possível. Quando pensamos a figura masculina na Educação Infantil atuando com crianças pequenas por diversas vezes achamos impossível isso acontecer, mas só a possibilidade de cogitarmos dar a oportunidade de homens lecionarem para esse público, tornamos essa questão que denominamos impossível, em possível. Freire (2000, p. 168) ainda afirma que “[...] só a possibilidade de dizer que é impossível tornar possível o impossível”.

É importante ressaltar que a mudança acontece na sua maioria das vezes através das dificuldades, principalmente no meio educacional. Para acontecer à mudança é preciso que uma classe esteja unida, ou seja, somente os homens em prol do reconhecimento da figura masculina na Educação Infantil não adiantam em quase nada, pois é uma luta social, não individual. Precisamos do apoio de todos nessa luta em prol do reconhecimento, seja homens ou mulheres.

Segundo Freire (2000, p. 170):

A mudança está submetida a dificuldades. Quanto a isso, não há dúvidas. Quer dizer, a mudança não é arbitrária, você não muda porque quer, nem você muda sempre na direção com que você sonha. O que é preciso é saber que a mudança não é individual, é social, com uma dimensão individual.

Essa luta pelo reconhecimento da figura masculina no ensino pré-escolar está apenas começando, momentos de derrotas, insucessos e sofrimentos fazem parte da busca desse reconhecimento no ambiente da Educação Infantil. Essa classe masculina só vai alcançar essa utopia convertendo esses momentos de insucesso em êxito.

Segundo Paulo Freire (2000, p. 172) “a gente precisa saber que os insucessos e os sofrimentos fazem parte da busca da eficácia. Não eficácia que não tropece em momentos de insucesso. E é preciso trabalhar o insucesso e convertê-lo em êxito”.

Para finalizar, precisamos ainda, unir nossas forças, educadores progressistas, homens e mulheres, em prol de uma pedagogia que estimule uma boa convivência entre todos aqueles que acreditam e apostam na diversidade de gênero no espaço educativo da Educação Infantil como uma forma de lutar contra toda e qualquer repressão existente nessa modalidade de ensino.

Referências:

Paulo Freire. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. **Professora Sim, Tia Não. Cartas a quem ousa ensinar**. 10ªed. SP: Olho d'Água, 2000.